

RADAR Especial

Professora da UFPel diz que Rio Grande do Sul já foi “exílio” de revolucionários

Quem participou da III Jornada de História do Trabalho do RS, promovida pela SEDUFSM, departamento de História da UFSM e ANPUH-RS pôde constatar diversos aspectos interessantes sobre a luta dos trabalhadores. Uma delas, dita pela professora Beatriz Ana Loner, do departamento de História e Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na manhã de sábado, 3, durante o curso de História Operária no RS, é de

que durante muito tempo, em especial nos anos 20 do século passado, anarquistas e revolucionários, quando presos pelo aparelho do Estado repressor, eram mandados para o Rio Grande do Sul.

Isso quer dizer que o estado era uma espécie de “degredo” ou “exílio” daqueles militantes considerados perigosos pelo governo central. Isso permitiu, segundo ela, que muitos “cabeças pensantes” passassem pelo

“Código de posturas”



Gláucia: pesquisa mostra “caça às bruxas”

somente maiôs de lã ou flanela quando fossem tomar banho de mar. Essa postura autoritária do Estado levou a que muitas pessoas começassem a se manifestar pela imprensa contra o governo.

O jornal Correio do Povo era um dos que recebia muitas cartas com reclamações contra o governo, facilitado pelo anonimato. Entretanto, é baixada uma norma proibindo o anonimato na publicação de cartas que criticassem o governo, mas, a denúncia anônima contra supostos “traidores” do regime continua sendo permitido, gerando em alguns momentos uma espécie de caça às bruxas. Dentre os denunciados, muitos ferroviários, que tinham grande atuação política, explicou Gláucia.

Ao contrário da década de 1920, a de 30 é muito rica em pesquisas. A constatação é da professora Beatriz Ana Loner (UFPel). Um dos estudiosos desse período é o professor Diorge Alceno Konrad, do departamento de História da UFSM, que falou também na manhã do dia 3 de junho. Tanto Konrad como Gláucia têm se aprofundado nesse período histórico, centrando-se no Rio Grande do Sul.

Em suas pesquisas, o professor da UFSM relê aspectos relevantes sobre a disputa política travada em nosso estado contra o governo central. Em 1930, o jornal “Diário de Notícias” encabeçava uma campanha contra o presidente Washington Luís. A oposição era tão ferrenha que o periódico chegou a promover uma campanha para que os leitores escrevessem respondendo o que se “deveria fazer com o presidente Washington Luís”.

A historiadora e arquivista Gláucia Vieira Ramos Konrad abordou aspectos da repressão no Rio Grande do Sul durante a ditadura do Estado Novo. Ela relatou, por exemplo, como o regime autoritário se refletia no cotidiano das pessoas. Foi criado pelo governo uma espécie de “código de posturas” para a sociedade, fosse no cinema, fosse até mesmo na praia. Segundo ela, as mulheres foram orientadas a usar



Participantes da III Jornada de História do Trabalho do RS

Rio Grande do Sul, possibilitando em terras gaúchas o fomento de idéias, inclusive com a proliferação de jornais desses grupos de contestação. Apesar dessas informações, Beatriz afirma que existem poucas pesquisas sobre esses movimentos da década de 1920 e, que,

neste período, pode-se afirmar que o RS era um reduto anarquista. A pesquisadora apresentou algumas fotos desse período e, em uma delas, demonstrando o uso de mão-de-obra infantil como na fábrica de móveis Gerdau.

“Comigo é na madeira”

O presidente Washington Luís se notabilizou pela célebre frase atribuída a ele de que “comigo é na madeira”, referindo-se à forma como deveriam ser tratados os movimentos dos trabalhadores e da oposição política que fossem contestatórios. Conforme Diorge Konrad, os leitores usavam pseudônimos para responder ao questionamento do Diário de Notícias. E, nos recados enviados, sugeriam as formas mais cruéis de tratamento ao Presidente da República.

Esses tratamentos, na realidade, eram aqueles mais conhecidos usados pelo próprio estado repressor para perseguir os opositores políticos. As sugestões iam de “tortura chinesa” até a expressões que chegavam a ser hilárias como a de que Washington Luís deveria “comer o pão que o diabo amassou, com os pés.” O professor da UFSM destacou em sua fala movimentos importantes como o do período 1933/1934,



Konrad: análise de jornais no período da década de 1930

quando os “padeiros” fizeram greve pelo cumprimento da legislação trabalhista. Ele ressalta, contudo, que o pós-1935 é muito complicado, pois a repressão do Estado Novo dizimou a oposição, em especial os comunistas.